

## EDITORIAL DA RBS

## Além das manifestações

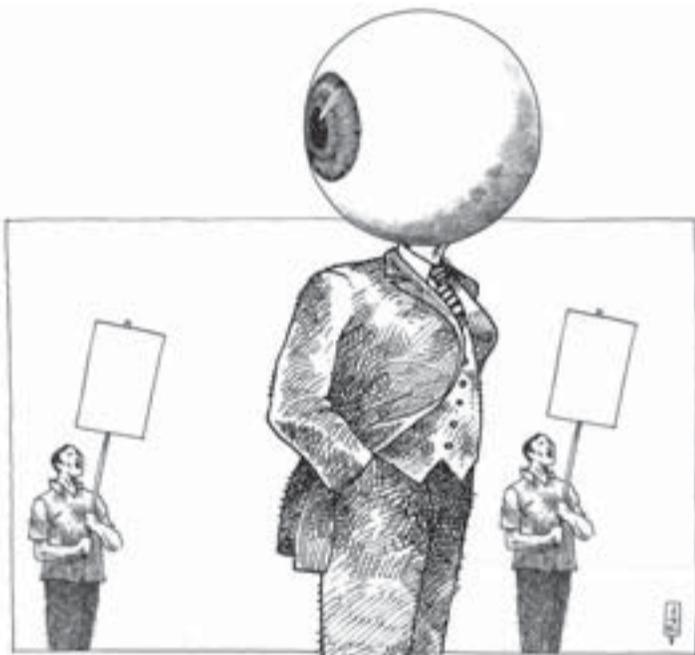
**N**a comparação com outras manifestações populares por mudanças políticas na história do país, o movimento pró-impeachment, que mobilizou pessoas em pelo menos 10 capitais brasileiras ontem, foi numericamente pouco significativo. Mas é inquestionável que representou milhões de brasileiros descontentes com a estagnação econômica, com a crise política e com a corrupção. A verdade é que muitos desses cidadãos têm dúvidas sobre a legitimidade da solução que está sendo proposta pela oposição e outros tantos deixam claro que querem também a saída do presidente da Câmara, Eduardo Cunha, mas a maioria absoluta apoia a Operação Lava-Jato e o combate às falcatruas na administração pública. Ou seja: os brasileiros querem mudanças urgentes na política, exigem governos e parlamentos íntegros e responsáveis,

e estão solidários com as instituições públicas que funcionam bem, notadamente o Judiciário, o Ministério Público e a Polícia Federal.

Neste contexto, o desejável é que o Congresso Nacional e o Supremo Tribunal Federal também deem respostas adequadas e constitucionais às demandas que lhes competem, especialmente aos dois processos

mais impactantes em andamento: o impeachment presidencial e a cassação do mandato do presidente da Câmara. Com ou sem a pressão das ruas, o país precisa ser liberado das amarras econômicas e das manobras políticas que entram o seu desenvolvimento e interferem na vida de milhões de brasileiros.

Mais do que isso: o Brasil demonstrou ontem, como vem demonstrando em outros momentos e situações críticas, que quer resolver os seus impasses com democracia, civilidade e coerência.



## CHARGE



## ARTIGO

## Incêndio da Kiss: o que precisa ser dito

FELIPE DE FARIAS RAMOS

Mestre em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Em razão da passagem dos quase três anos da tragédia ocorrida na Kiss – passava os olhos pelos jornais da época –, Nelson Rodrigues veio à lembrança: “O realista ou é um idiota ou um canalha”. É que, nos textos, encontra-se a tentativa de repassar aos leitores fatos pretensamente objetivos: números em forma de estatística e comparações gráficas, tudo para dar aos leitores a exata medida do ocorrido naquela noite.

Desconfio, porém, que o fundamental ainda não foi dito. Sem pretender menosprezar o esforço dos repórteres, suponho que, daqui a cem anos, quem esmiuçar as reportagens lerá dados incapazes de maiores revelações.

De fato, há momentos da condição humana que a frieza dos cálculos não consegue revelar. Nesses assuntos, os “idiotas da objetividade” traçam observações quantitativas, mas nada dizem a respeito do que importa: o inconsciente que pesa sobre a alma dos homens.

É, então, que a arte revela sua propriedade mais decisiva: a capacidade de, superando o que está dado, retratar os mais profundos sentimentos. Ante essas dores extremas, somente quem se dispuser a superar os fatos poderá revelar a angústia que se instala nas mais insondáveis camadas da consciência humana.

Por isso, importa convocar os artistas brasileiros para que expressem as angústias da cidade, ainda abalada em seus traumas. Trata-se de fazer um chamamento artístico. É hora de colocar para trabalhar o Dostoiévski adormecido nos romancistas nacionais, o Van Gogh que há em cada pintor de esquina, o Shakespeare escondido em cada cortiço patricio. A questão é esta: fazer o retrato humano da tragédia.

Transcorridos apenas quase três anos, ainda é tempo de captar o sofrimento das mães inconsoláveis e das avós insones. Eis, aí, o palco perfeito para que a arte, em seu saudável desleixo para com o real, venha à tona com seu fulgor dionísio e redentor.

Nesses momentos em que a realidade mistura-se profundamente com a dor, é que tem vez o mais desavergonhado desvario, a mais incontida alucinação metafísica. Só assim será possível registrar os sentimentos que ululam na cidade gaúcha – o decisivo a respeito da tragédia ainda está para ser profetizado.

**Ainda é tempo de captar o sofrimento das mães inconsoláveis e das avós insones**

Grupo RBS

Presidente do Conselho de Administração e Comitê Editorial

Nelson Pacheco Sirotsky

Conselheiros:

Carlos Melzer  
Cláudio Thomaz Lobo Sonder  
Eduardo Gentil  
Geraldo Corrêa

Jayme Sirotsky  
Marcelo Sirotsky  
Nelson Mattos  
Pedro Sirotsky

Diretoria Executiva

Presidente-executivo: Eduardo Sirotsky Melzer

Jornais: Andriara Petterle

Televisão: Antônio Augusto Pinent Tigre

Rádios: Fabiana Fichbein Marcon

Jornalismo: Marcelo Rech

Finanças: Claudio Toigo Filho

Estratégia e Desenvolvimento de Negócios: Luciana Antonini Ribeiro

Gerente Regional RBS Santa Maria:

Leonardo Milano Persigo

DIÁRIO

DE SANTA MARIA

Fundado em 19 de junho de 2002

Editora-Chefe: Fabiana Sparremberger

Gerente Comercial: Rodrigo Farina Mello

www.diarism.com.br

Presidente Emérito:  
Jayme SirotskyFundador:  
Maurício Sirotsky Sobrinho (1925-1986)